

LETÍCIA RIBEIRO IANHEZ

CARACÓIS

Revista sobre transição capilar e autoaceitação

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo -UFV

2019

LETÍCIA RIBEIRO IANHEZ

CARACÓIS

Revista sobre transição capilar e autoaceitação

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Eugene Francklin

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo -UFV

2019

Esse projeto experimental é dedicado à todas as pessoas que se libertaram dos padrões e assumiram seus cabelos naturais não lisos por meio da transição capilar.

AGRADECIMENTOS

Todo agradecimento seria pouco para o quanto eu me sinto grata pela ajuda que recebi no desenvolvimento desse projeto. Sou grata pelo curso de Comunicação Social que me disponibilizou as ferramentas necessárias para realizar o projeto e me despertou a paixão pelo jornalismo. Agradeço também à todos os funcionários do departamento que sempre se mostraram dispostos a me ajudar.

Sou imensamente grata por toda ajuda recebida da minha orientadora Eugene Franklin e todas as pessoas que foram entrevistadas, fotografadas e enviaram os seus depoimentos sobre a transição capilar. Agradeço a minha família, principalmente meus pais e minha madrinha Myrian por terem sido o meu suporte emocional e meu apoio nessa jornada.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os meus amigos que são a minha família em Viçosa, definitivamente eu não teria conseguido sem vocês. Um agradecimento especial ao João Pedro, à Marina e a Sarah, vocês são incríveis!

RESUMO

A Revista *Caracóis* é o resultado de um projeto experimental de conclusão de curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo do projeto foi desenvolver uma revista que aborda o tema da transição capilar, a autoaceitação e os cabelos naturais não lisos. A transição capilar é o momento que a pessoa para de fazer o uso de químicas alisantes e enfrenta esse processo para que ele volte a ser natural. Os cuidados com os cabelos ondulados, cacheados e crespos também são apresentados e discutidos nesta revista. Ainda hoje, o cabelo liso é visto como o ideal e a revista *Caracóis* vem para mostrar e explicar que os cabelos naturais devem ser valorizados independente da sua curvatura.

PALAVRAS-CHAVE:

Revista; Digital; Transição Capilar; Cabelo; Autoaceitação; Diagramação

ABSTRACT

The *Caracóis* magazine is the result of an experimental undergraduate final project of the Social Communication/Journalism program of the Federal University of Viçosa.

The project goal is to develop a magazine that addresses the themes of hair transition, self-acceptance and natural non straight hair types. Hair transition is when a person stops using straightening chemicals and face the process for the hair to return to its natural state. How to handle wavy, curly and fuzzy hair is also presented and discussed in this magazine. Nowadays a straight hair is still seen as the ideal type and *Caracóis* magazine explains that natural hair must be valued regardless of its curl.

KEY WORDS: Magazine, Digital, Hair Transition, Hair, Self-acceptance, Diagramming

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação postada nos grupos do Facebook.....	18
Figura 2 - Paleta de cores escolhida para a revista.....	20

SUMÁRIO

1 Introdução	7
2 Referencial Teórico	10
2.1 A transição capilar e o cabelo natural.....	10
2.2 Contextualizando a transição capilar.....	11
2.3 A história e o desenvolvimento da revista no Brasil.....	13
3. Relatório Técnico	17
3.1 Pré Produção.....	17
3.2 Público Alvo.....	18
3.3 Produção.....	18
3.4 Pós Produção.....	23
4. Considerações Finais	25
5. Referências Bibliográficas	26

1. INTRODUÇÃO

A revista *Caracóis* é o resultado de um projeto experimental de conclusão de curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Ela aborda temas acerca da transição capilar e do cabelo natural não liso.

A transição capilar é um tema que merece destaque nos dias de hoje pois diz respeito à uma transformação que afeta a vida das pessoas que passam por ela em diversos âmbitos. A escolha do tema se deu, entre outros motivos, por ser uma experiência vivenciada por mim.

Durante muitos anos eu coloquei química no meu cabelo para que ele ficasse liso e fosse mais aceito socialmente. Quando me mudei para Viçosa, em 2016, parei de realizar processos químicos pois estava longe da cabeleireira que eu confiava para fazer. Nessa época, usava chapinha quase todos os dias. No começo do ano de 2017, fui em um show que choveu muito e o meu cabelo ficou um pouco cacheado, com várias ondas. Depois desse dia eu decidi que queria saber como ele era de verdade e passei pelo processo da transição capilar.

No final daquele ano, optei por realizar o *big chop*, cortei o cabelo no ombro e a partir desse momento iniciei uma rotina de cuidados para o cabelo cacheado. Com o passar do tempo fui conhecendo melhor o meu cabelo e aprendendo a cuidar dele, mesmo com dificuldade de acesso à algumas informações. Percebi que gostava de passar para as pessoas os conhecimentos que eu adquiri sobre o cabelo e com isso veio a ideia de produzir a revista.

Na *Caracóis* são discutidas questões a respeito da autoaceitação, que vai contra os padrões eurocêtricos impostos principalmente às mulheres em relação ao cabelo. Também abordamos assuntos sobre o conhecimento e o cuidado do cabelo natural que já passou por processos químicos de alisamento.

Um ponto importante considerado na escolha do tema é a deficiência existente no veículo midiático escolhido, a revista, sobre a temática. Durante pesquisas, foram encontradas poucas revistas tratando sobre a transição capilar, porém nenhuma delas era dedicada exclusivamente sobre essa temática, sendo encontradas apenas matérias sobre o assunto. A importância do tema veio da necessidade de contemplar todos que vivenciaram e vivenciam a transição capilar e também influenciar aqueles que buscam passar por essa transformação que vai muito além do cabelo.

Além disso, os cuidados com os cabelos ondulados, cacheados e crespos não são os mesmos para os cabelos lisos, que por sua vez são o padrão que por muito tempo foi

considerado o ideal. Na revista *Caracóis*, encontra-se dicas sobre finalização, lavagem, corte e cuidado com o cabelo para que as pessoas se inspirem e aprendam como ele deve ser tratado. Também são desvendados mitos a respeito desses tipos de cabelo e conta com uma série de depoimentos de pessoas que passaram pelo processo para inspirar e encorajar quem também está passando ou deseja enfrentar a transição capilar.

Nos dias atuais, ainda perdura a moda e o padrão dos cabelos lisos e disciplinados, entretanto nos últimos anos é possível perceber um aumento em relação à valorização dos cabelos naturais cacheados e crespos. A transição capilar surgiu desse movimento de autoaceitação e quebra dos padrões. É um processo complexo e muitas vezes demorado, que afeta diretamente a autoestima de quem o enfrenta, além de conectar as pessoas com o seu verdadeiro eu, de modo que elas se sintam bem sem a necessidade de camuflar quem realmente são e o cabelo de forma natural.

A revista *Caracóis* traz a proposta de discussão e entendimento a respeito dos cabelos em transição, ondulados, cacheados e crespos. Com o foco voltado para essas curvaturas e ensinamentos para um melhor cuidado com o cabelo, esse veículo midiático pretende apresentar ao público leitor maneiras de como lidar com o processo de transição e como cuidar do cabelo após a sua conclusão.

Para um melhor entendimento sobre os assuntos tratados, que podem ser muito complexos como a matéria sobre *Low Poo* e *No Poo*, optou-se por uma linguagem popular, que por sua vez também colabora para a democratização do conhecimento, indo além da linguagem acadêmica e abrangendo mais pessoas. Além disso, a revista *Caracóis* foi produzida tendo como inspiração outras revistas que se tornaram referências na diagramação, fotografia e conteúdos pertinentes, como as revistas *Trip*, *TPM* e *Cult*.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A transição capilar e o cabelo natural

São muitos os padrões que cercam a aparência dos indivíduos, principalmente das mulheres. Estas estão sempre sendo direcionadas e influenciadas a se encaixar modelo estético imposto social e midiaticamente. O cabelo representa um âmbito dessa pressão e, por sua vez, é visto e tratado no senso comum como ruim ou desobediente se não se encaixa no considerado ideal, que é o liso. Ele, por sua vez, é pregado como símbolo da boa aparência pela sociedade privilegiada e preconceituosa, que trata os traços não eurocêntricos como inferiores.

A curvatura do cabelo é algo que interfere muito no modo como ele é visto socialmente. O cabelo ondulado é o que mais se aproxima do liso, e por esse motivo, a pressão estética e o preconceito sofrido pelas pessoas com essa curvatura é menor do que quem tem o cabelo crespo, por exemplo, que possui uma estrutura diferente do fio. Sobre isso, Quintão afirma:

Inúmeras são as opções para atender a todos os tipos de necessidades, sempre partindo de um mesmo fundamento: adequar os cabelos das mulheres aos padrões estéticos vigentes, o que, no caso do Brasil, significa discipliná-los, demonstrando saúde dos fios e mantendo uma aparência “natural” dos cabelos. (QUINTÃO, 2013, p.22)

Uma das maneiras que as mulheres encontraram para romper com esse padrão estético imposto é a transição capilar. A transição capilar consiste no processo realizado pelas pessoas que desejam parar de fazer químicas alisantes no cabelo como a progressiva e os relaxamentos. Tais processos, além de não serem saudáveis para o cabelo e o organismo, também estão diretamente ligados aos padrões estéticos que são implantados pela sociedade. Isso faz com que elas, na busca de se encaixar no modelo considerado ideal, realizem os processos químicos que vêm acompanhados de diversos danos a saúde física e mental. Em seus estudos, Leonardo Abraham *et al* (2009) discute o uso excessivo de formol nos produtos usados para realizar a progressiva no cabelo:

O risco do formol em sua aplicação indevida é tanto maior quanto maiores a concentração e a frequência do uso, e ocorre pela inalação dos gases e pelo contato com a pele, sendo perigoso para profissionais que aplicam o produto e também para usuários. (ABRAHAM *et al.*, 2009, p.180)

Como o próprio nome já diz, a transição é um momento de mudança e transformações que vai muito além do cabelo. É o momento em que se deixa a zona de conforto proporcionada pelos produtos químicos de alisamento e se vai em busca do cabelo natural. A autoestima, que é o modo como você se sente consigo mesmo, e a autoaceitação também estão muito presentes nesse processo, que por sua vez faz com que a pessoa se reconheça de uma forma diferente daquela que estava acostumada.

Durante a transição, o cabelo se divide em duas texturas. A primeira é a parte lisa, com química, e a segunda é a parte natural que começa a aparecer conforme a raiz do cabelo cresce. Como não se pode remover a química de alguma maneira que não seja cortando o cabelo, é necessário lidar com essa diferença de texturas e isso afeta diretamente a autoestima. O cabelo ainda não está totalmente natural e nem totalmente liso.

Nesse momento, quem está passando pelo processo da transição, tem a opção de realizar o *big chop*, que traduzindo significa grande corte. Esse corte é realizado para remover toda a parte com química do cabelo e deixar apenas a natural. Ele pode ser realizado a qualquer momento do processo de transição e o recomendado é que seja feito o quanto antes, para evitar o desgaste de ter que lidar com as diferentes texturas no cabelo. O momento do *big chop* é muito simbólico para quem opta por realizá-lo. A partir do momento que a pessoa realiza esse procedimento, ela não é mais a mesma que antes. Mayra Bernardes, em sua dissertação, discute sobre a autoaceitação e o processo de transição:

Esse processo, apesar de parecer simples, é longo e complexo, pois envolve, além de uma dimensão individual, outra dimensão social e política, ao remexer em fatores psicológicos e sociais ligados à autoestima e autoaceitação das mulheres, sobretudo as negras que estão mais distantes de um ideal de beleza europeizado. (BERNARDES, 2018, p.4)

2.2. Contextualizando a transição capilar

O movimento de aceitação do cabelo natural indo contra os padrões impostos pela sociedade não se iniciou no Brasil. Os registros sobre tal assunto se dão nos Estados Unidos com o surgimento do movimento do *Black Power*, no qual o foco estava na valorização da beleza natural que inclui o cabelo afro.

O movimento a favor de direitos civis igualitários para brancos e negros nos Estados Unidos nos anos de 1960 – assim como o surgimento de movimentos paralelos de cunho similar em outras partes do mundo – viabilizou o surgimento de outro movimento, o “Black is beautiful”, fortalecendo a valorização da identidade negra com todos os seus traços fenotípicos, sendo o cabelo crespo um deles. O “Black Power” despontaria internacionalmente como um penteado “da moda”, sendo retratado em capas de revistas, em programas de televisão e no cinema. (QUINTÃO, 2013, p. 21)

Por aqui, esse movimento de engajamento e autoaceitação ganhou força em meados dos anos 2000 com o amadurecimento da democracia no país, um contexto social e cultural favorável para o desenvolvimento de novos movimentos, o avanço da tecnologia, fóruns online, e outros acontecimentos. O desenvolvimento de grupos e chats online, que se dispuseram a discutir o tema da transição capilar, foi de imensa importância para ajudar muitas pessoas que atualmente servem de inspiração para tantas outras. A relação entre a transição capilar e a internet é explicitada nas palavras da pesquisadora Mayra Bernardes:

Pode-se dizer que a transição capilar, enquanto pauta política, tem seu início nas plataformas digitais, podendo ser caracterizada como fenômeno cibernético, como demonstraremos a seguir. De acordo com o gráfico gerado pelo Google Trends, o termo “transição capilar” começa a aparecer de maneira relevante em 2008, e vai crescendo exponencialmente até atingir seu pico máximo de popularidade em janeiro de 2017. (BERNARDES, 2018, p.3)

O cabelo, algo que se faz presente no cotidiano das pessoas, carrega muito significado consigo. Ele faz parte da identidade das pessoas. A partir do momento que uma pessoa não aceita o seu próprio cabelo e decide realizar processos químicos para que ele se apresente de uma forma diferente da natural, ela tenta se encaixar em um padrão que não a representa. As mulheres negras, além de todo o sofrimento causado pelo próprio período de transição, também têm que lidar com todo o preconceito e racismo que as persegue desde os tempos remotos e estão sempre sendo reforçados pela mídia, pois trata-se de um longo processo histórico que teve início na época da colonização.

A imagem do cabelo crespo foi construída socialmente para ser relacionado a algo sujo, ruim ou mal cuidado. Nos dias de hoje, ainda é possível observar inúmeras situações de racismo direcionadas às pessoas de cabelo afro. Esses são alguns dos fatores que levam muitas mulheres à busca alisar o cabelo sem se importar com as consequências desse ato,

apenas buscando se enquadrar em um padrão e negar a sua identidade. Daí vem o processo de branqueamento, que é amplamente discutido por Domingues (2012) em sua publicação:

A ideologia do "branqueamento estético" foi um fetiche muito eficaz na alienação do negro. Oficializou a brancura como padrão de beleza e a negritude como padrão de fealdade. Representou um entrave para a formação positiva da auto-estima do negro, pois este passou a alimentar um certo autodesprezo. Ora, na ausência de modelos positivos em que pudesse se espelhar, o negro recusava sua própria natureza, desembocando, muitas vezes, em crise de identidade étnica, descaracterizando-se, na busca pela supressão dos traços raciais afro. (DOMINGUES, 2002, p.580)

A transição capilar, que colabora para a negação do padrão de cabelo ideal, representa um ato político de luta e resgate da identidade. As pessoas que se dispõem a passar por essa transformação estando cientes do significado social e político desse ato, são parte de um movimento de resistência que tem por finalidade, entre outras coisas, reconstruir uma personalidade que foi invisibilizada, desvalorizada e silenciada durante a história. Essa pauta de luta vai além da visão estética sobre o cabelo e as pessoas, ela passa por discussões políticas que agregam conhecimento sobre identidade, padrão, luta e aceitação.

2.3. A história e o desenvolvimento da revista no Brasil

As revistas surgiram no Brasil em meados do século XIX. Naquela época, elas eram apresentadas de maneira muito diferente das que são encontradas nos dias atuais, eram mais parecidas com livros e jornais. A primeira revista não oficial a ser publicada no país foi “As Variedades ou Ensaio de Literatura”, ela foi produzida pelo jornal Idade d’Ouro do Brasil e além de possuir um conteúdo conservador, também defendia a monarquia no país.

Com o passar do tempo, as revistas foram tomando a forma que as conhecemos hoje com a inclusão de imagens, ilustrações, textos em colunas, entre outras coisas. Inicialmente a linha editorial das revistas era conservadora e elitista. As pessoas que possuíam o acesso à esse tipo de publicação eram da alta classe da sociedade e compartilhavam dos ideais monárquicos, isso também se deve ao fato de a maior parte da população brasileira da época ser analfabeta.

A função desse veículo não era noticiar os acontecimentos da vida cotidiana, e sim apresentar um conteúdo erudito e abordar temas literários e inacessíveis à maior parte da população, que por sua vez era em maior parte analfabeta. Mas a partir da década de 1860, as revistas passaram a se apresentar de uma maneira diferente. A *Revista Illustrada* foi uma

publicação que ganhou muito destaque na época pois foi pioneira na inclusão de imagens e fotografias no seu conteúdo. Durante a Guerra do Paraguai, ela chamou atenção pelas imagens que foram publicadas por repórteres que estiveram no país registrando os acontecimentos da guerra. Foi nesse contexto que nasceram os repórteres “de última hora”.

A *Revista Illustrada* também ganhou reconhecimento pelas charges que passaram a fazer parte das suas publicações. O conteúdo delas era composto por críticas direcionadas à monarquia que era comumente defendida naquela época. Começaram a ser difundidas notícias de interesse social, ilustrações e fotografias mais elaboradas. Com tudo isso, houve uma popularização do veículo, que por sua vez passou a abranger uma parcela maior da população, desde então, a revista tornou-se parte do cotidiano das pessoas. Conforme abordado pela jornalista e pesquisadora Marília Scalzo, a revista pode ser definida como um veículo amplo e completo:

Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento dos assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviços e interpretação dos acontecimentos. (SCALZO, 2004, p. 12)

No final da década de 1930, aconteceu no Brasil um processo de imigração de alemães que possuíam o domínio da fotografia, montagens de fotos, ampliação das imagens, entre outros. Foi nesse cenário que surgiu a revista *Diretrizes*, ela foi criada por Samuel Wainer e se manteve em circulação até o ano de 1944 produzindo reportagens memoráveis, até que deixou de circular por ordem do governo de Getúlio Vargas.

Durante a ditadura militar no Brasil, pouco antes do decreto Ato Institucional 5 - AI 5, surgiu uma revista que conseguiu se manter no mercado até os dias de hoje. A revista *VEJA*, em suas publicações, demonstrava oposição ao regime militar e por isso enfrentou diversos problemas para se manter em funcionamento. Nas próximas décadas também surgiram outras revistas que são populares até a atualidade, entre elas estão: *Isto É*, *Época*, *Carta Capital* e *Exame*.

As revistas sempre foram um importante instrumento de informação que, conseqüentemente, molda comportamentos e interfere nos costumes e hábitos que se desenvolvem em uma sociedade. Nos dias atuais, com o avanço da tecnologia, elas podem ser

acessadas de maneira rápida e prática abrangendo cada vez mais leitores e tornando mais democrático o acesso à informação e entretenimento.

As revistas que inicialmente eram produzidas impressas, ao adentrar ao universo tecnológico da modernidade, não sofreram muitas alterações no conteúdo e diagramação, por isso ainda se pareciam com as de papel. Entretanto, aquelas que já foram criadas para o mundo virtual, chamam a atenção pelo design e diagramação inovadores.

Os anos 90 foram de extrema importância para o desenvolvimento desse veículo. Foi nessa época que começaram a surgir as primeiras revistas que não eram produzidas com papel. Elas vinham em formato de *CD-Rom* e compartilhavam informações com websites da época. Era o início do desenvolvimento da revista dentro do universo virtual.

Em 1995 existiam pelo menos dez revistas em CDRom, como a Unzip (da IPC) cujo slogan era “a primeira do Reino Unido totalmente interativa”, que se baseou no conteúdo de sites como New Musical Express e New Scientist. Neste mesmo ano, surgiram websites para revistas do mainstream, como Uploaded.com (Loaded, IPC) e nme.com (New Musical Express, IPC). Neste contexto, a revista X-Net, bimestral lançada em 1997, que vinha com um CR-Rom com o preço de £7.95 para 100 páginas, causou furor ao trazer mais de 300 links para websites, tanto pornográficos, quanto de esportes, comédia e carros. (NATANSOHN, 2010, p.4)

Em meados dos anos 1990, surgiu no Brasil a primeira revista que possuía uma versão online, ela foi produzida pela *Editora Bloch* e se chamava *Manchete*. Em 1996 já era possível encontrar sites para as revistas *Veja* e *IstoÉ*. Com o passar do tempo e o avanço das tecnologias, o acesso à revistas de maneira virtual se tornou mais simples e abrangente, foram criadas revistas produzidas para a circulação apenas online. Por isso a revista digital foi escolhida para a realização desse projeto. Isso também se deve à necessidade de fazer com que ela alcançasse o maior número de pessoas, a fim de difundir as informações sobre a transição capilar e os cabelos naturais não lisos.

Parte dos depoimentos recolhidos para a construção da revista *Caracóis*, foi em redes sociais e partiram de pessoas de diferentes cidades e estados. A maneira mais viável para fazer com que essas pessoas vejam o produto final que ajudaram a construir é pela internet. Esse meio de comunicação é de extrema importância para o movimento de transição capilar que se constituiu e se desenvolve no Brasil.

Por meio dos grupos em redes sociais, como é o caso do *Facebook*, as pessoas podem encontrar uma rede de apoio onde se sentem seguras para compartilhar as suas inseguranças e ao mesmo tempo colaborar com outras pessoas. A internet também é responsável por unir as pessoas para além do virtual. Por meio dos grupos e fóruns, são marcados encontros para que as pessoas troquem experiências que retomam a pessoalidade. Édila Matos, em sua pesquisa, aborda a questão das redes sociais e internet como forma de interação e ajuda mútua para pessoas que estão passando pela transição:

Nas mídias sociais como Youtube, Facebook, Blogs e Sites, elas compartilham suas experiências e técnicas de como suavizar as fortes diferenças entre as texturas capilares. Nessas mídias, são formadas redes de solidariedade e apoio mútuo, onde as jovens que ainda passam pelo processo são apoiadas e encorajadas a não desistirem, além disso, receitas, produtos e técnicas são trocados (MATOS, 2016, p.845)

A internet e as redes sociais, por meio da conexão digital, permitem a aproximação de indivíduos que se unem em prol de uma mesma temática, a fim de buscar soluções e compartilhar histórias que podem inspirar uns aos outros. Trata-se de redes de solidariedade que são capazes de auxiliar na transição de inúmeras pessoas ao redor do mundo sem a necessidade de um deslocamento geográfico.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. Pré Produção

A revista *Caracóis* teve o início da sua produção no mês de abril de 2019, dentro da disciplina “Trabalho de Conclusão I” na qual foi realizado um projeto gráfico editorial. Nele, foi definido como se estruturaria a revista. Entretanto, com o desenvolvimento do projeto, percebi que algumas coisas ficariam melhor se fossem alteradas, também devido ao prazo para entrega, busca por uma melhor estética, acesso à equipamentos e disponibilidade das fontes, outras ideias tiveram que ser adaptadas.

O projeto gráfico editorial, que foi desenvolvido no decorrer do primeiro período deste ano, foi de grande importância para o desenvolvimento da revista. Ainda que tenha sofrido algumas alterações, a realização desse projeto foi essencial para construir uma base a respeito das informações e dos elementos que seriam utilizados.

Inicialmente, durante a pré produção da revista, ela foi pensada com nove seções, eram elas: *Editorial*, que conta sobre o conteúdo da revista; *Bate Papo*, dedicado à uma entrevista com uma cabeleireira especializada em cabelos cacheados e crespos; *Retratos*; que consiste em um ensaio fotográfico retratando uma pessoa antes e depois de enfrentar o processo da transição; *Artigo*, que seria uma matéria sobre autoaceitação; *Fica a dica*, que são dicas de cuidados com o cabelo; *Receitinha*, que traz receitas caseiras para hidratar o cabelo; *Queridinhos*, recomendação de produtos capilares; *Por quem passou*, construída com depoimentos de pessoas que passaram pela transição e *Fato ou Fake*, que são mitos e verdades sobre o cabelo.

Com o desenvolvimento da revista, vários assuntos precisaram ser alterados para uma melhor adequação ao tempo e as circunstâncias da produção. Isso inclui algumas seções da revista. Essa mudança no conteúdo partiu da necessidade de abordar temas importantes para as pessoas que possuem o cabelo natural não liso. Como é o caso das matérias a respeito de coloração e *Low/No Poo*. São assuntos que se encontram no cotidiano do público alvo e por isso devem ser levados em conta no momento de construção da revista. A paleta de cores e as fontes utilizadas para título das matérias também foram alteradas no decorrer da produção para que se tornasse mais harmônico a identidade visual e o conteúdo apresentado. Ainda nesse momento, se pensou no nosso público-alvo.

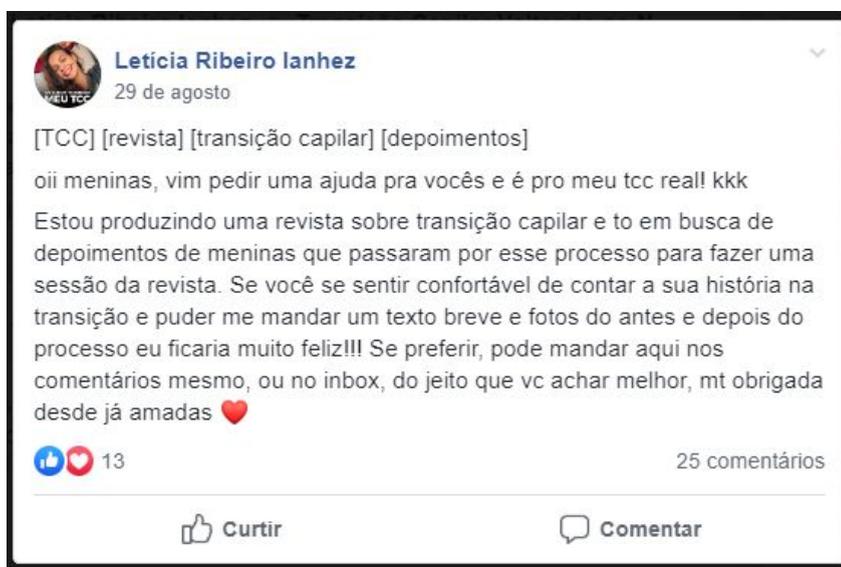
3.2. Público alvo

Ao considerar que o assunto principal da revista é a transição capilar, consequentemente as pessoas que passaram ou pretendem passar por esse processo são o público alvo principal. Em sua grande maioria, esse público é composto por mulheres jovens e adultas mas não são somente elas, a revista *Caracóis* também pretende abranger as pessoas que possuem os cabelos ondulados, cacheados e crespos ainda que não tenham passado pelo processo da transição.

É importante ressaltar que o processo de transição capilar não é algo exclusivo das mulheres, os homens também passam por isso e também fazem parte do público alvo da revista, mas eles se apresentam em menor número. Durante o desenvolvimento da pesquisa e busca de fontes, consegui entrar em contato com apenas um homem que passou pelo processo e se dispôs a ajudar na construção da revista, participando do ensaio fotográfico.

3.3. Produção

Para dar início a construção efetiva da revista, o primeiro passo foi a busca por fontes para realizar as entrevistas e os ensaios. Para os depoimentos que foram recolhidos, eu recorri à conversas pessoalmente e grupos no *Whatsapp* e *Facebook*. No *Facebook*, foram realizadas publicações no grupo *Transição Capilar - Voltando ao Natural e Onduladas da beleza mista - 2a, 2b, 2c*. Os depoimentos poderiam ser enviados via áudio ou texto e acompanhados das fotos da transição. Ao todo, foram coletadas treze histórias.



Publicação postada nos grupos do Facebook

As fontes que se dispuseram a contar a sua história e participar do quadro de depoimentos foram Antonia Pires, Luana C. Loureiro, Mariana Belo da Silva, Maria de Lourdes do Couto, Julia Camim, Sarah Campos Moura Rabelo, Dilma dos Santos Oliveira, Bianca Fiel Carvalho, Joice Cristina, Sandy Souza, Mariana Ribeiro de Souza, Thaís Fonseca Brunelli e Maria Cecília Couto. Todas essas mulheres passaram pelo processo de transição capilar e além de ter dividido a sua história com os leitores da revista, ainda disponibilizaram fotos retratando o antes, durante e depois da transformação.

O fato de eu ter pedido para que as fontes entrevistadas enviassem fotos para ilustrar os seus depoimentos foi algo complicado. A transição não é um processo simples, ela mexe muito com a autoestima de quem a enfrenta. Por esse motivo muitas pessoas se sentiram desconfortáveis para enviar suas fotos e optaram por não participar da revista.

Para a entrevista principal, com a cabeleireira especialista em cabelos cacheados Janice Lucena, foram marcados alguns encontros durante os meses de agosto e setembro. Entretanto, eles tiveram que ser cancelados devido a sua agenda muito ocupada. As perguntas foram realizadas e respondidas via áudios do *Whatsapp*. Os áudios, por sua vez, foram decupados e transcritos. As fotografias utilizadas para ilustrar a entrevista também foram cedidas pela Janice via *Whatsapp*. O encontro pessoalmente para a realização dessa matéria não foi possível, pois além da agenda com vários compromissos, a Janice reside e atende em Sete Lagoas e o projeto foi desenvolvido em Viçosa. Por esse motivo, o contato pessoalmente não ocorreu para a entrevista.

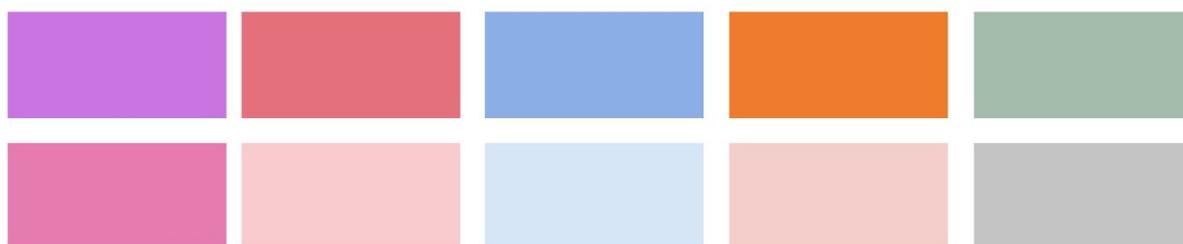
Ela foi uma fonte indispensável para essa revista, pois além de ser uma mulher negra que possui o seu próprio salão, o Espaço Afro Janice Lucena, ela também passou pelo processo da transição capilar para voltar a ter o seu cabelo natural após trinta anos fazendo progressiva. Além disso, Janice também é conhecedora e faz o uso de técnicas e produtos que são citados ao decorrer da revista, como as receitas caseiras. Isso é importante para comprovar a funcionalidade dos mesmos.

As outras matérias da revista, encontram-se ilustradas por imagens produzidas em ensaio fotográfico realizado no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Por meio de um grupo criado no *whatsapp*, foi possível contactar mulheres que passaram pela transição capilar e se dispuseram a ser fotografadas. Foram oito mulheres

no total. A maior parte são estudantes do próprio curso de Comunicação Social da UFV que passaram pela transição no momento em que também estavam cursando a faculdade. Uma das convidadas, aceitou sair do estúdio e tirar algumas fotos nos espaços abertos da universidade e foi nessa ocasião que a foto de capa foi produzida.

Para as fotografias que foram exibidas na seção do ensaio fotográfico, foram convidados dois amigos, Raíssa Valeriano e Lucas Daniel, que passaram pela transição e aceitaram ser fotografados. As imagens foram realizadas nos espaços da universidade na manhã e tarde de um sábado. Com as fotos tiradas, foi-se necessário tratá-las. As fotos produzidas dentro do estúdio passaram pelo *Photoshop* para realizar a mudança da cor de fundo da imagem. Isso aconteceu devido a necessidade de substituir o *chroma key* verde por cores vibrantes, que combinasse com a proposta da revista e ao mesmo tempo com o tom da pele e dos cabelos das modelos convidadas para o ensaio. Após essa mudança, todas as imagens presentes na revista passaram pelo tratamento no *Lightroom*.

A diagramação da revista *Caracóis* foi toda desenvolvida no programa *InDesign*, o *Illustrator* e o *Photoshop* também foram utilizados. O design foi pensado de modo que as publicações da revista chamassem a atenção do leitor mas ao mesmo tempo que ele consiga absorver o conteúdo das matérias sem que elas sejam ofuscadas pelo design. A paleta de cores era inicialmente composta por cores de tons pastéis, entretanto, no momento da edição das fotos tiradas no estúdio, percebi que cores mais fortes e vivas na paleta realçam os cabelos e a pele das modelos. Foram adicionadas novas cores que trouxeram vida e energia para as páginas da revista.



Paleta de cores escolhida para a revista

Para o conteúdo das publicações da revista, foi escolhida a fonte *Ebrima*, no tamanho 12. Essa fonte sem serifa, utilizada na sua forma normal e também no negrito, foi escolhida

pois é simples de visualizar e não provoca sensação de cansaço aos olhos do leitor no decorrer do texto.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ-
VWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyzç
ã
1234567890
! @ # \$ % & * () ` ^ ~ ? / : ;
[] { } ,

Para os títulos das matérias, as fontes foram variadas. Para a capa da revista e a matéria sobre o cronograma capilar, a fonte escolhida foi a *Darloune*. No sumário, além da fonte *Rounded Elegance*, foi utilizada a fonte *Shink* que também apareceu na matéria sobre coloração e no “Fato x Fake”. Para o dicionário capilar foi utilizada a fonte *Minion Pro*, enquanto para a matéria sobre *Low Poo* e *No Poo*, foi a *Winterfun*. Na entrevista com a cabeleireira Janice, duas fontes foram escolhidas, são elas *Kiona* e *Sadwell*. Os depoimentos contaram com um título escrito com a fonte *Love Beard* e as receitas caseiras, com a *Anthares*. Para a publicação sobre os tipos de finalização, foram utilizadas quatro fontes: *Starting*, *Objectivity*, *Microsoft Himalaya* e *Anthares*.

Todas as fontes dos títulos foram pensadas de maneira que combinasse com as imagens presentes na página e também com o conteúdo que foi desenvolvido em cada página. A maior parte dessas fontes são cursivas, o que remete à elegância, delicadeza e proximidade com o leitor.

Na versão final, a revista *Caracóis* é composta por nove editorias e um ensaio fotográfico. A primeira seção apresentada é o *Dicionário Capilar*, que possui duas páginas. Devido a grande quantidade de palavras em inglês, fez-se necessária a criação de uma seção da revista para traduzir essas expressões que fazem parte do cotidiano das pessoas que estão passando pela transição e possuem cabelos naturais não lisos.

Em seguida, vem a *Tipos de finalização* que também conta com expressões que precisam se tornar conhecidas. Ela possui quatro páginas e é ilustrada com fotos da Vitória Maria. A finalização é o último processo realizado após a lavagem do cabelo, trata-se de técnicas para manter o cabelo com uma maior definição e menos frizz. Cada cabelo combina

melhor com alguma técnica, e é por isso que na revista são encontrados seis tipos de finalização e seus respectivos passo a passo, são elas: fitagem, *plooping*, LOC - líquido, óleo e creme, *rake and shake*, COG - creme, óleo e gelatina e *twist*.

Seguidamente, ocupando duas páginas, encontra-se uma matéria a respeito das novas técnicas para lavar e cuidar dos cabelos de maneira mais saudável: *Low Poo e No Poo*. A técnica *Low Poo* consiste em uma redução no uso de substâncias agressivas para o cabelo, enquanto a *No Poo* não faz o uso de nenhum tipo de *shampoo* ou produtos que contenham sulfatos, parabens, silicones e derivados. Trata-se de uma matéria de grande importância para as pessoas se aprofundarem em um assunto mais técnico a respeito dos ingredientes que estão presentes nos produtos capilares, as fotos da ilustração são da Francielle do Carmo, mesma modelo da capa da revista.

Ligada a matéria a respeito das técnicas para limpeza e cuidado do cabelo, o *Cronograma Capilar* aparece para explicar como funciona uma rotina de tratamento do cabelo. São quatro ciclos de uma semana cada que constituem a rotina. Ela tem a duração de um mês. Em cada um dos ciclos, são realizadas três etapas do cronograma e elas são as responsáveis por cuidar e recuperar o cabelo. A junção dos tratamentos faz com que não falte nutrientes nos fios, tornando o cabelo mais saudável. Acompanha essa matéria uma tabela para um cronograma capilar, com o intuito de incentivar os leitores a se organizarem e darem início à rotina. Essa publicação possui quatro páginas e é ilustrada com fotos de estúdio da estudante Amiris Boueri.

Em tons de laranja e ilustrada com imagens da estudante Maria Gabriela Matos, a seção *Receitas Caseiras* conta com três tipos de receitas que podem ser realizadas em casa para cuidar dos cabelos. Cada uma, remete à uma etapa do cronograma capilar. Para a etapa de hidratação, a receita é com amido de milho. Para a nutrição, azeite de oliva. E para a reconstrução capilar, vinagre de maçã. Essa seção tem a sua importância devido ao fato de nem sempre ser possível ou viável recorrer à um salão para manter os cabelos saudáveis. As receitas caseiras, além de serem eficazes também ajudam a economizar.

O que você sabe sobre coloração? é o título da matéria de duas páginas ilustrada pela Laíssa Oliveira. Ela trata do assunto das tintas e tonalizantes que são comumente aplicadas no cabelo. Também apresenta a diferença existente entre esses dois tipos de coloração e qual é o mais indicado para pessoas em transição e com cabelos cacheados.

Sabe-se que muito é dito sobre a transição capilar e os cabelos não lisos, porém nem tudo é verdade. A seção *Fato x Fake* vem para revelar e esclarecer os mitos e as verdades sobre tais assuntos. Ela possui quatro páginas e é ilustrada pela Ana Luísa Medeiros.

A entrevista principal da revista vem logo em seguida. Ela é protagonizada pela cabeleireira Janice Lucena que é proprietária do Espaço Afro Janice Lucena. Ela passou pela transição após trinta anos aplicando química alisante no cabelo e esse ano completa sete anos com ele natural. Janice é uma mulher negra, empreendedora, empoderada, especialista em cabelos ondulados, cacheados e crespos; e no decorrer da entrevista ela conta a sua história e pode ser vista como inspiração para inúmeras pessoas que pretendem enfrentar a transição.

O que vem em seguida é a seção *Nas palavras de quem viveu*. Uma série de depoimentos de mulheres que passaram pela transição que vem acompanhada de fotos do antes, durante e depois do processo. Ao todo, foram coletadas treze histórias, o intuito foi buscar pelo maior leque de histórias e curvaturas capilares para encorajar o máximo de pessoas. O ensaio fotográfico aparece por último para finalizar a revista. Apresentando fotos realizadas na Universidade Federal de Viçosa com os modelos Raíssa Valeriano e Lucas Daniel, a seção conta com treze páginas e onze fotografias. Esse ensaio tem o intuito de representar a força, a resistência e a valorização da ancestralidade de todas as pessoas que enfrentaram o processo de transição e conseguiram superar os obstáculos existentes.

A última parte do processo de criação da revista foi a escolha do título. A inspiração para a criação do nome se deu a partir do momento em que vários títulos vieram à tona mas nenhum deles fazia uma referência aos cachos. Muitas pessoas tem o costume de chamar o cabelo cacheado de encaracolado, pois a curvatura do cabelo lembra os caracóis. Também é algo presente em canções como do cantor Roberto Carlos e do *rapper* Djonga. Em ambos os casos a palavra “caracóis” é utilizada para fazer referência ao cabelo cacheado de maneira positiva.

3.4. Pós Produção

Os grupos sobre transição capilar e assuntos relacionados à esse tema, chegam a reunir, no *Facebook*, mais de 200 mil pessoas. Como é o caso de um dos grupos que foi utilizado para busca de depoimentos, “Transição Capilar - Voltando ao Natural”. Atualmente ele é composto por 217.340 membros. É por esse motivo que a revista digital será publicada

no site *Issuu*. Trata-se de uma plataforma digital que reúne publicações como revistas, livros e jornais de maneira virtual e gratuita.

O Issuu, serviço de publicação de livros e revistas na internet, tem como principal vantagem a sua interface, que se aproxima do estilo de folhear uma revista. As páginas são abertas em par, mantendo também, em muitos casos, os objetivos de design do criador do conteúdo. Além disso, ao passar o mouse na parte inferior das páginas, é possível visualizar pequenas amostras das folhas anteriores e das próximas, o que agiliza a localização visual do conteúdo. Outro ponto forte está na organização dos livros e revistas adquiridos pelo usuário, que são mostrados em estantes, com um visual bastante estiloso. (COSTA, Eric. INFO Exame)

Ao ser compartilhada em grupos que abordam o assunto da transição capilar, a revista *Caracóis* poderá ser acessada por um número maior de usuários das redes sociais e principalmente, pessoas que passaram ou desejam passar pela transição.

A revista foi publicada na plataforma *Issuu* no dia 21 de novembro de 2019, até o encerramento da produção desse memorial, no dia 27 de novembro, foram contabilizadas 555 visualizações e 587 impressões. A sua divulgação aconteceu pessoalmente e por meio das redes sociais *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar esse projeto de conclusão de curso, eu já sabia da importância da transição capilar na vida das pessoas, entretanto, não entendia como ajudar quem queria passar pelo processo. Depois do desenvolvimento da *Caracóis* eu percebi a transformação que uma revista é capaz de causar. Tanto para mim, que a produzi, quanto para os meus amigos que me auxiliaram e as pessoas que leram a revista, ela foi importante e proporcionou uma mudança nas nossas vidas.

Antes de ter decidido a respeito de qual tema eu trataria, já sabia que o produto produzido seria uma revista. Me encanta como esse veículo tem a capacidade de passar informações ao mesmo tempo que chama atenção pelo design e a fotografia, que durante o curso de Comunicação Social eu aprendi a admirar e praticar.

A escolha por realizar esse projeto sozinha foi desafiadora, algumas partes da revista tiveram que ser deixadas de lado e/ou substituídas pois seria muito complicado, dentro das circunstâncias, realizar sem ajuda. Mesmo assim, pude contar com a ajuda dos meus colegas, da minha orientadora e dos funcionários do departamento da universidade. Sem essa ajuda, esse trabalho não seria possível.

Mantenho comigo o sonho de imprimir a revista *Caracóis* e produzir outras edições dela, para difundir o assunto e abranger cada vez mais leitores para as discussões sobre a transição capilar, o cabelo e a autoaceitação. Ainda há muito conteúdo para ser abordado e informações para serem difundidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Leonardo Spagnol et al. **Tratamentos estéticos e cuidados dos cabelos: uma visão médica (parte 2)** In *Surgical & Cosmetic Dermatology* 2009; 1(4):179-185

BERNARDES, Mayra. **Transição capilar: acontecimento e experiência no canal Ana Lúcia Lopes**. Belo Horizonte: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018.

BOAS, Sérgio. **O estilo Magazine**. São Paulo. Summus, 1996.

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930** In. *Estudos afro-asiáticos*, 2002, 24.3: 563-600.

MATOS, Édila Maria dos Santos. **Cachear e encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs**. 2015. ix, 85 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MATOS, Lúcia. **Transição capilar como movimento estético e político**. *Anais do Seminário Nacional de Sociologia da UFS-ISSN 2526-3013*, 2016.

NATANSOHN, L. G., Cunha, R., Barros, S., & Silva, T. **Revistas online: do papel às telinhas**. *Lumina*, 4(1), 2010.UFJF

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?: um estudo sobre o cabelo como performance identitária**. 2013. 196 f. 2015. PhD Thesis. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2ª ed. São Paulo. Editora Contexto. 2004. VILAS